

PERFIL DE STRESS DOS ENFERMEIROS DE URGÊNCIA/EMERGÊNCIA EM CONTEXTO COVID-19: DETERMINANTES PROFISSIONAIS

STRESS PROFILE OF URGENCY/EMERGENCY NURSES IN COVID-19 CONTEXT: PROFESSIONAL DETERMINANTS

PERFIL DE ESTRÉS DE LAS ENFERMERAS DE URGENCIA/EMERGENCIA EN EL CONTEXTO COVID-19: DETERMINANTES PROFESIONALES

Nuno Duarte Pinto^{1,2}  <https://orcid.org/0000-0003-3566-0538>

Vitor Alves^{1,2}  <https://orcid.org/0000-0003-0657-4745>

*Maria Augusta Veiga-Branco*¹  <https://orcid.org/0000-0002-7963-2291>

¹ Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, Portugal

² Instituto Nacional de Emergência Médica, Moimenta da Beira, Portugal

Nuno Duarte Pinto - nunoduartepinto@gmail.com | Vitor Alves - vitor_alves940@hotmail.com | Maria Augusta Veiga-Branco - aubra@ipb.pt



Autor Correspondente

Nuno Duarte Pinto

Rua do Canedo, N.28, Oliveira de Barreiros
3500-892 – Viseu – Portugal
nunoduartepinto@gmail.com

RECEBIDO: 12 de julho de 2022

REVISTO: 15 de novembro de 2022

ACEITE: 07 de dezembro de 2022

PUBLICADO: 31 de janeiro de 2023

RESUMO

Introdução: As evidências revelam que os enfermeiros de urgência/emergência desenvolveram problemas de saúde relacionados com o *stress* em contexto de pandemia por COVID-19.

Objetivos: Avaliar o perfil de *stress* dos enfermeiros de urgência/emergência em contexto COVID-19 em função das variáveis profissionais.

Métodos: Estudo transversal, quantitativo, descritivo-correlacional, através da aplicação da Escala de Perceção de *Stress* (EPS), adaptada por Pais Ribeiro & Marques (2009), a uma amostra de 355 enfermeiros portugueses, em contexto de urgência/emergência.

Resultados: Maioritariamente é uma amostra feminina (51,1%), com idades entre 36-50 anos (51,3%), licenciatura (38,9%), exercem funções no setor público (85,9%), no Norte (35,8%), com tempo de experiência profissional entre 11-20 anos (40,8%) e com a categoria profissional de "enfermeiro" (59,4%).

Conclusão: As variáveis de caracterização profissional, revelaram que o título profissional, o serviço/unidade onde exercem funções e a localização geográfica, apresentam efeito significativo no perfil de *Stress* percebido ($p < 0,005$). Neste âmbito, os enfermeiros especialistas ($p = 0,005$) a exercerem funções nos SUP e BO ($p = 0,002$) da Região de Lisboa e Vale do Tejo ($p = 0,001$), foram aqueles onde a perceção de *Stress* é mais alta. Por outro lado, os enfermeiros generalistas ($p = 0,005$), que exercem funções no INEM ($p = 0,002$), e que exercem na Região Autónoma da Madeira ($p = 0,001$) demonstraram um perfil de *Stress* mais baixo.

Palavras-chave: *stress ocupacional*; enfermeiros; pandemia COVID-19; urgência; emergência

ABSTRACT

Introduction: Evidence shows that emergency nurses have developed *stress*-related health problems in the context of the COVID-19 pandemic.

Objectives: Evaluate the *stress* profile of urgency/emergency nurses in a COVID-19 context according to professional variables.

Methods: Cross-sectional, quantitative descriptive-correlational study, through the application of the *Stress* Perception Scale (SPS), adapted by Pais Ribeiro & Marques (2009), to a sample of 355 Portuguese nurses in an emergency/urgency context.

Results: The sample was mainly composed of women (51.1%), aged between 36-50 years (51.3%), with a university degree (38.9%), working in the public sector (85.9%), in the North (35.8%), between 11-20 years of professional experience (40.8%) and with the professional category of "nurse" (59.4%).

Conclusion: As variáveis de caracterização profissional, revelaram que o título profissional, o serviço/unidade onde exercem funções e a localização geográfica, apresentam efeito significativo no perfil de *Stress* percebido ($p < 0,005$). In this context, the specialist nurses ($p = 0,005$) working in the SUP and OR ($p = 0,002$) of the Lisbon and Tagus Valley Region ($p = 0,001$) were those with the highest perception of *Stress*. On the other hand, generalist nurses ($p = 0,005$), who exercise functions at INEM ($p = 0,002$), and who exercise in the Autonomous Region of Madeira ($p = 0,001$) showed a lower *Stress* profile.

Keywords: occupational *stress*; nurses; pandemic COVID-19; urgency; emergency

RESUMEN

Introducción: Los datos demuestran que las enfermeras de urgencias han desarrollado problemas de salud relacionados con el *estrés* en el contexto de la pandemia de COVID-19.

Objetivos: Evaluar el perfil de *estrés* de las enfermeras de urgencias/emergencias en un contexto COVID-19 según variables.

Métodos: Estudio transversal, cuantitativo, descriptivo y correlacional, a través de la aplicación de la Escala de Percepción de *Estrés* (EPS), adaptada por Pais Ribeiro & Marques (2009), a una muestra de 355 enfermeras portuguesas en un contexto de emergencia/urgencia.

Resultados: La muestra se compone principalmente de mujeres (51,1%), con edades comprendidas entre los 36 y los 50 años (51,3%), con titulación universitaria (38,9%), que trabajan en el sector público (85,9%), en el Norte (35,8%), entre 11 y 20 años de experiencia profesional (40,8%) y con la categoría profesional de "enfermera" (59,4%).

Conclusión: Las variables de caracterización profesional, revelaron que el título profesional, el servicio/unidad donde se ejercen las funciones y la localización geográfica, presentan un efecto significativo en el perfil de *Estrés* percibido ($p < 0,005$). En este contexto, los enfermeros especialistas ($p = 0,005$) que trabajan en el SUP y en el quirófano ($p = 0,002$) de la Región de Lisboa y del Valle del Tajo ($p = 0,001$) fueron los que tuvieron una mayor percepción de *Estrés*. Por otro lado, los enfermeros generalistas ($p = 0,005$), que ejercen funciones en el INEM ($p = 0,002$), y que ejercen en la Región Autónoma de Madeira ($p = 0,001$) mostraron un perfil de *Estrés* menor.

Palabras clave: *estrés* profesional; enfermeras; pandemia COVID-19; urgencia; emergencia

INTRODUÇÃO

O coronavírus, conhecido por COVID-19, foi identificado em dezembro de 2019 na China, na cidade de Wuhan, e a 11 de março de 2020 a Organização Mundial de Saúde (OMS), assumiu que este surto se tinha rapidamente transformado numa pandemia mundial (Hu et al., 2020; He et al., 2020). O desenvolvimento da disseminação originou que Portugal não fosse exceção e as entidades competentes foram obrigadas a implementar medidas restritivas e de bloqueio, numa tentativa de achatar a curva do contágio, similarmemente ao resto do mundo.

O interesse por estudar a temática do perfil de *stress* dos Enfermeiros portugueses de urgência/emergência em contexto COVID-19, tendo em conta as suas determinantes sociodemográficas e profissionais, surge do facto de se ter conhecimento dos resultados do estudo “Saúde Mental em Tempos de Pandemia (SM-COVID-19)” (Almeida, et al., 2020), coordenado pelo Departamento de Promoção da Saúde e Prevenção de Doenças Não Transmissíveis do Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge, em colaboração com o Instituto de Saúde Ambiental da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa e com a Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Saúde Mental. Este estudo analisou o impacto da pandemia COVID-19 na saúde mental e no bem-estar da população, em geral, e dos profissionais de saúde, em particular, tendo em conta dimensões como ansiedade, depressão, *stress* pós-traumático, *burnout* e resiliência, entre outras.

A pandemia exacerbou os fatores de *stress* nos sistemas ou serviços de saúde, nos quais o esgotamento dos enfermeiros em resposta ao *stress* no local de trabalho já é uma epidemia (Duarte et al., 2020).

De acordo com estudos recentes, alguns profissionais de saúde, entre os quais os enfermeiros que exercem no contexto de urgência/emergência, desenvolveram sofrimento psicológico, fadiga e esgotamento, enquanto enfrentavam a pandemia por COVID-19 (Albott et al., 2020; Walton et al., 2020). Estes profissionais de saúde “enfrentam frequentemente sobrecarga de trabalho, disparidade de rácio Enfermeiro/doente, limitações de recursos e desequilíbrio entre o trabalho e a vida familiar, afetando a sua saúde mental” (Nunes, 2019 p. 30).

Com a finalidade de se saber quais as variáveis sociodemográficas e profissionais que influenciam o nível de perceção do *stress* dos enfermeiros de urgência/emergência em contexto de COVID-19, formulou-se a questão “As variáveis sociodemográficas e profissionais influenciam o nível de perceção de *stress* dos enfermeiros de urgência/emergência em contexto de COVID-19”, na tentativa de encontrar alguma diferença estatisticamente significativa entre as variáveis em causa.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

No final de 2019, a OMS recebeu alertas de uma série de casos de pneumonia na cidade de Wuhan, China. Foi o marco inicial de um surto originado por um novo coronavírus (SARS-CoV-2), causador da doença coronavírus (COVID-19), que desde então se espalhou com números crescentes de casos noutras regiões do mundo. Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou uma Emergência de Saúde Pública de importância internacional, e a 11 de março de 2020, a doença tornou-se uma pandemia (Harapan et al., 2020).

As emergências de saúde pública, embora evidenciando o papel fundamental do Sistema Nacional de Saúde na contenção da COVID-19, expõem as deficiências estruturais do sistema, em particular, a falta e/ou a distribuição desigual dos profissionais de saúde e de infraestruturas dos cuidados de média e alta complexidade. Assim, a interação entre o ambiente de trabalho e os fatores humanos parece ter desencadeado respostas físicas e emocionais nos profissionais de saúde, no caso concreto nos enfermeiros de urgência/emergência, que causaram uma diminuição da sua saúde mental e, conseqüentemente, da sua qualidade de vida.

No ambiente de urgência/emergência, é comum encontrarem-se diferentes stressores complementares. O *stress* natural exigido aos enfermeiros para prestar cuidados à pessoa em situação crítica e seus familiares, com a complexidade que permeia as possibilidades de intervenção, pode tornar estes profissionais de saúde mais vulneráveis ao *stress*. Os enfermeiros lidam quotidianamente com a dor e o sofrimento e estão sujeitos a ritmos intensos e longas horas de trabalho, relações humanas complexas, escassez de materiais e um número reduzido de profissionais (Teixeira et al., 2021).

A pandemia por COVID-19 chamou a atenção do mundo, especialmente as conseqüências do elevado risco de *stress*. A maioria dos enfermeiros vivencia níveis moderados a elevados de *stress*, porque estes profissionais estão particularmente em risco de serem infetados com COVID-19 e pela sobrecarga do sistema de saúde. Os enfermeiros que estão na linha da frente, particularmente os que exercem em contexto de urgência/emergência, vivenciam uma sobrecarga de trabalho e *stress* psicológico (Oktovin & Peni, 2021). As queixas, como a fadiga física e psicológica são, frequentemente, sentidas devido ao elevado número de pessoas infetadas com COVID-19.

Temsah et al. (2020) referem que a pandemia levou a um fenómeno sem precedentes de *stress* psicológico nos enfermeiros. As doenças infecciosas pandémicas, como a COVID-19, impõem um nível significativo de ansiedade e de *stress* nos profissionais de saúde que cuidam de pessoas infetadas, cuja principal preocupação é o risco de transmitir a infeção aos seus familiares ou eles próprios desenvolverem doença.

Os autores supracitados referem que os enfermeiros, geralmente, correm o risco de exposição a fatores patogénicos altamente infecciosos na prestação de cuidados, quer pela exposição ao ambiente da pessoa infetada ou no contacto com amostras biológicas,

mas também na falta de Equipamentos de Proteção Individual (EPI), o que os leva a experienciar elevados níveis de *stress* psicológico. Estes também necessitam de lidar com a imprevisibilidade do seu horário de trabalho e maior carga laboral, o que os obriga a um maior ajustamento da sua vida privada e social.

Os relatos dos meios de comunicação social documentam exaustão extrema, desconforto físico de longas horas de trabalho com máscaras faciais e outros EPI's, medo do contágio e angústia em enfermeiros. Esta combinação de desgaste físico e emocional numa força de trabalho de enfermagem já stressada tornou-se uma marca da pandemia COVID-19 (Arnetz, et al., 2020).

As consequências dos níveis de perceção de *stress* na saúde dos enfermeiros avaliados durante a pandemia, devem ser vistas de uma perspetiva de saúde e segurança ocupacional. O *stress* e o burnout foram reconhecidos internacionalmente como riscos de trabalho para os enfermeiros (Pérez-Fuentes et al., 2018) antes da pandemia.

Embora a pesquisa sugira que os fatores ocupacionais e de personalidade desempenham um papel no *stress*, em 2019, a OMS declarou o *stress* como um fenómeno ocupacional, para além de ser uma condição médica. O início da pandemia COVID-19 aumentou o *stress* no trabalho entre um corpo de enfermagem já tenso, colocando a sua saúde mental e bem-estar em risco (Lai et al., 2020).

2. MÉTODOS

2.1 Amostra

Estudo quantitativo, descritivo-correlacional com enfoque transversal. Participaram 355 Enfermeiros que exercem em contexto de urgência/emergência a nível nacional. A amostra foi do tipo não probabilístico, accidental ou por conveniência.

A recolha de dados decorreu entre 1 de fevereiro de 2021 e 28 de fevereiro de 2021, através da aplicação de um questionário de dados sociodemográficos e profissionais (ad hoc), com validação do consentimento informado para o presente estudo pelos participantes e da Escala de Perceção de *Stress* (EPS), adaptada para a população portuguesa por Pais Ribeiro e Marques (2009), com data de autorização de aplicação de 25/10/2020, disponibilizado via Google Forms, a todos os enfermeiros a nível nacional. Os princípios éticos foram cumpridos. Estudo aprovado pela Comissão de Ética do Instituto Politécnico de Bragança a 11/12/2020 (Parecer N. 28/2020).

2.2 Instrumento de recolha de dados

O instrumento de recolha de dados incluiu os seguintes instrumentos de medida:

- Questionário de dados sociodemográficos e profissionais (ad hoc);
- Escala de Perceção de *Stress* (EPS), adaptada para a população portuguesa por Pais Ribeiro e Marques (2009). A EPS é, segundo os autores, uma unidade de medida global de *Stress* que se propõe avaliar o grau em que um indivíduo aprecia as suas situações de vida como *Stress* antes (Cohen, Kamarck, & Mermelstein, 1983 in Pais Ribeiro & Marques, 2009). A escala EPS, validada para a população portuguesa, é uma escala direcional composta por 13 itens que operacionaliza a variável Perceção de *Stress* e que da forma como a amostra responde, cuja nota global resulta da soma dos valores atribuídos a cada um.

Uma nota mais elevada, corresponde a maior *Stress* percebido no último mês. Sendo que a pontuação máxima é 52 pontos. Não existem pontos de corte. Os itens 4,5,6,7, 9,10 e 12 são itens invertidos (Pais Ribeiro & Marques, 2009).

2.3 Análise estatística

Para a análise dos dados, recorreu-se à estatística descritiva e à estatística analítica ou inferencial. A estatística descritiva possibilitou determinar as frequências absolutas e relativas, medidas de tendência central, nomeadamente as médias e as medidas de dispersão, como a amplitude de variação, o coeficiente de variação e o desvio padrão.

Para a análise inferencial, foi realizado, em primeiro lugar, o teste da normalidade. Pelo *Kolmogorov-Smirnov-Lilliefors* (Tabela 1), que aqui se aplicou porque, nesta amostra, com uma dimensão superior a 30 observações, permitiu verificar que a distribuição de dados referente à variável dependente (Perceção do *Stress*) encontra-se enquadrada na normalidade ($p < 0,05$). Visto isto, e pela análise da figura 1, assumiu-se a existência de uma distribuição normal ou próximo do normal.

Tabela 1. Teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov-Lilliefors

	Kolmogorov-Smirnov-Lilliefors ^a	
	Estatísticas	p
Escala de Perceção do Stress	0,089	0,000***

* $p < 0,05$

** $p < 0,01$

*** $p < 0,00$

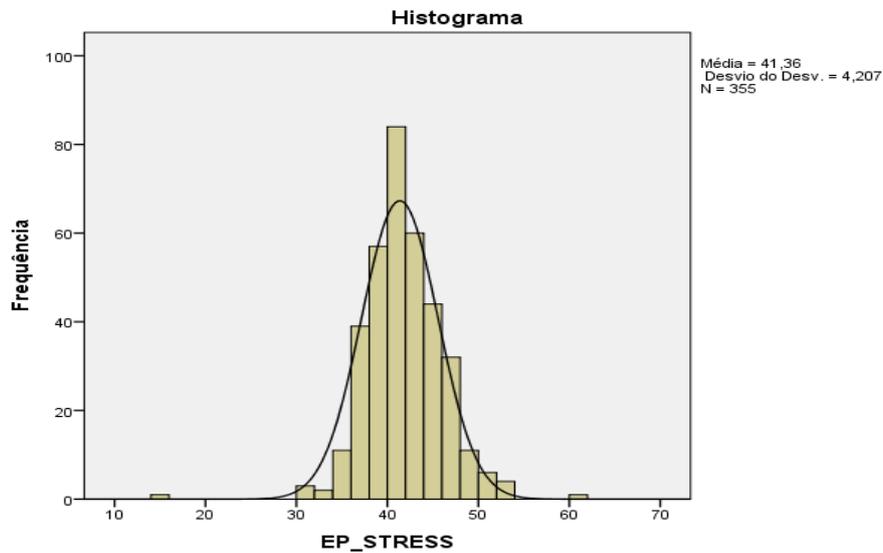


Figura 1 - Histograma da Escala de Percepção do Stress, com curva de normalidade

Na estatística inferencial, recorreu-se a testes não paramétricos, mormente: teste de U Mann Whitney e teste de Kruskal Wallis. As questões de investigação foram testadas com uma probabilidade de 95%, de onde resulta um nível de significância de 5% ($\alpha=0,05$). Os critérios de decisão para os testes baseiam-se no estudo das probabilidades, confirmando-se a questão de investigação se a probabilidade for inferior a 0,05 e rejeitando-se se superior a esse valor. Utilizaram-se os seguintes níveis de significância:

- $p \geq 0.05$ – não significativo
- $p < 0.05$ – significativo
- $p < 0.01$ – bastante significativo
- $p < 0.001$ – altamente significativo

Todo o tratamento estatístico foi processado através do programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 26.0 para Windows.

3. RESULTADOS

A amostra foi maioritariamente do sexo feminino ($n=181$; 51%), com idade predominante entre 36-50 anos (51,3%). Relativamente ao estado civil, (48,7%) são casados e nas habilitações académicas prevaleceram os licenciados com (38,9%).

Tabela 2 - Caracterização sociodemográfica da amostra

Variáveis	Total	
	Nº (355)	% (100.0)
Idade		
≤35 anos	129	36,3
36-50 anos	182	51,3
51-65 anos	43	12,1
66-80 anos	1	0,3
Género		
Feminino	181	51,0
Masculino	174	49,0
Estado civil		
Solteiro	100	28,2
Casado	173	48,7
União de facto	59	16,6
Divorciado	19	5,4
Viúvo	4	1,1
Habilitações literárias		
Bacharelato	7	2,0
Licenciatura	138	38,9
Pós-graduação	113	31,8
Mestrado	90	25,4
Doutoramento	7	2,0

A maioria dos elementos da amostra exerce funções no setor público (85,9%), na zona norte (35,8%), com tempo de experiência profissional entre os 11-20 anos (40,8%), vínculo laboral de CTFP-TI (58,6%), horário de trabalho rotativo (86,8%), <35 horas semanais (75,2%), e em regime de trabalho por tempo completo (98,9%). Quanto ao serviço/unidade onde exercem, dominam dos serviços não designados (22,3%) e prevalecem os participantes com a categoria profissional de “enfermeiro” (59,4%).

Tabela 3 - Caracterização profissional da amostra.

Variáveis	Total	
	Nº (355)	% (100.0)
Tipo de gestão		
Pública	305	85,9
Privada	19	5,4
Parceria P-P	31	8,7
Localização geográfica		
Norte	127	35,8
Centro	114	32,1
Lisboa e Vale do Tejo	85	23,9
Alentejo	10	2,8
Algarve	12	3,4
Açores	4	1,1
Madeira	3	0,8
Tempo de exercício profissional		
0-10 anos	113	31,8
11-20 anos	145	40,8
21-30 anos	77	21,7
31-40 anos	20	5,6
Vínculo laboral		
CIT	130	36,6
CCT	4	1,1
CTFP-TI	208	58,6
CTFP-TRC	7	2,0
Outro	6	1,7
Horário de trabalho		
Fixo	46	13,0
Rotativo	308	86,8
Ambos	1	0,3
Regime de trabalho		
Tempo completo	351	98,9
Tempo parcial	4	1,1
Horas semanais		
≤35 horas	267	75,2
36-50 horas	74	20,8
>50 horas	14	3,9
Serviço/Unidade		
BO	14	3,9
INEM	66	18,6
SUB	44	12,4
SU-MC	76	21,4
SUP	50	14,1
UCIP	26	7,3
Outro	79	22,3
Título profissional		
Enfermeiro	211	59,4
Enfermeiro especialista	144	40,6

Pela análise da tabela 4, e no que se refere ao valor das respostas dadas à Escala de Perceção do Stress (EPS), salienta-se que em todos os 13 itens dominam as respostas “Às Vezes” com uma pontuação de 3. “Nunca”, foram as respostas menos referidas nos 12 primeiros itens. Já para o 13º item, a resposta que obteve menor frequência de respostas foi o “Muitas Vezes”.

Tabela 4 - Perceção de Stress (EPS)

Itens	Respostas				
	Nunca (0)	Quase Nunca (1)	Às Vezes (2)	Com Muita Frequência (3)	Muitas Vezes (4)
Item 1 - No último mês com que frequência se sentiu aborrecido com algo que ocorreu inesperadamente?	7	48	160	78	62
Item 2 - No último mês com que frequência se sentiu que era incapaz de controlar as coisas que são importantes na sua vida?	30	77	125	73	50
Item 3 - No último mês com que frequência se sentiu nervoso ou “stressado”?	5	48	123	98	81
Item 4 - No último mês com que frequência enfrentou com sucesso coisas aborrecidas e chatas?	7	25	185	99	39
Item 5 - No último mês com que frequência sentiu que estava a enfrentar com eficiência mudanças importantes que estavam a ocorrer na sua vida?	21	68	167	69	30
Item 6 - No último mês com que frequência se sentiu confiante na sua capacidade para lidar com os seus problemas pessoais?	5	45	155	101	49
Item 7 - No último mês com que frequência sentiu que as coisas estavam a correr como queria?	13	97	166	65	14
Item 8 - No último mês com que frequência reparou que não conseguia fazer todas as coisas que tinha que fazer?	4	55	146	103	47
Item 9 - No último mês com que frequência se sentiu capaz de controlar as suas irritações?	4	52	179	90	30
Item 10 - No último mês com que frequência sentiu que as coisas lhe estavam a correr pelo melhor?	10	96	181	54	14
Item 11 - No último mês com que frequência se sentiu irritado com coisas que aconteceram e que estavam fora do seu controlo?	9	59	148	101	38
Item 12 - No último mês com que frequência foi capaz de controlar o seu tempo	6	91	160	72	26
Item 13 - No último mês com que frequência sentiu que as dificuldades se acumulavam ao ponto de não ser capaz de as ultrapassar?	39	119	138	43	16

Com o objetivo de saber a influência do tipo de gestão no nível de perceção de *stress*, aplicou-se o teste de Kruskal-Wallis, cujos resultados indicam um maior nível de *stress* por parte dos enfermeiros que exercem no setor privado, sendo os que exercem numa instituição de parceria público-privada aqueles que manifestam menor perceção de *stress*, contudo, com ausência de diferenças estatísticas significativas ($p>0,05$).

Quanto à localização geográfica *versus* a perceção de *stress* em contexto de COVID-19, efetuou-se um teste de Kruskal-Wallis, de onde se salienta um maior nível de *stress* por parte dos enfermeiros que exercem funções em Lisboa e Vale do Tejo. Os enfermeiros que exercem funções nas Região Autónoma da Madeira são os que manifestam menor perceção de *stress*, com diferenças estatísticas bastante significativas ($p=0,001$).

Já para a influência do tempo de exercício profissional, aplicou-se um teste de Kruskal-Wallis, cujos dados indicam um maior nível de perceção de *stress* por parte dos enfermeiros com mais tempo de exercício profissional, seguidos dos que possuem entre 21-30 anos e pelos que têm entre 11-20 anos de serviço. Os que têm menos tempo de serviço são os que manifestam menor perceção de *stress*, porém, com ausência de diferenças estatísticas significativas ($p>0,05$).

Por fim, e no que se refere ao vínculo laboral, efetuou-se um teste de Kruskal-Wallis, de onde se salienta um maior nível de perceção de *stress* por parte dos enfermeiros com um CIT; seguidos pelos que possuem CTFP-TRC e um CCT. Os que possuem outro tipo de vínculo laboral manifestam menor perceção de *stress*. Todavia, também aqui, com ausência de diferenças estatísticas significativas ($p>0,05$).

Tabela 5- Testes de Kruskal-Wallis relacionando as variáveis profissionais com o nível de percepção do stress

Variáveis	Percepção do nível de Stress Ordenação média
Tipo de gestão	
Pública	180,22
Privadas	184,95
Parceria P-P	151,89
(p)	0,324
Localização geográfica	
Norte	155,69
Centro	182,20
LVT	215,12
Alentejo	186,35
Algarve	121,29
Açores	173,63
Madeira	116,17
(p)	0,001**
Tempo profissional	
0-10 anos	173,35
11-20 anos	176,41
21-30 anos	180,31
31-40 anos	206,95
(p)	0,591
Vínculo	
CIT	195,31
CCT	182,88
CTFP-TI	168,03
CTFP-TRC	186,14
Outro	136,00
(p)	0,149

*p<0,05

**p<0,01

***p<0,001

4. DISCUSSÃO

O perfil sociodemográfico e profissional de uma amostra de 355 enfermeiros portugueses a exercerem funções em urgência/emergência indica uma amostra maioritariamente feminina (51,0%), com uma idade média de 39,25±8,89 anos, com predomínio da faixa etária dos 36-50 anos (51,3%). Maioritariamente, os enfermeiros são casados (48,7%), licenciados (38,9%), tendo um tempo profissional médio de 15,29±8,92 anos e um tempo de trabalho semanal médio de 37,39±6,08 horas. A maioria dos participantes exerce funções no setor público (85,9%), na zona norte (35,8%), seguindo-se os que exercem funções na região centro (32,1%) e em Lisboa e Vale do Tejo (23,9%). Destacam-se os que apresentam tempo de experiência profissional entre 11-20 anos (40,8%), que possuem um CTFP-TI com 58,6%, a praticar um horário rotativo (86,8%), com ≤35 horas/semana (75,2%). Quanto ao serviço/unidade onde exercem, para além dos serviços não designados (22,3%), sobressaem os que exercem no SU-MC e no INEM (21,4%; 18,6%, respetivamente) e com a categoria profissional de “enfermeiro” (59,4%). Estes dados, na maioria, corroboram o perfil sociodemográfico e profissional de uma amostra de 453 enfermeiros que participaram no estudo de Cui et al. (2021), onde havia uma prevalência de mulheres (96,47%), mas com uma média de idade (M=33,15±8,38 anos) e um tempo médio de experiência profissional ligeiramente inferiores (M=11,33± 9,25 anos) em comparação com os enfermeiros do presente estudo. No referido estudo, também foi registada a prevalência de enfermeiros licenciados (38,7%) e com um tempo de trabalho semanal médio de 37,29±6,01 horas, resultados corroborados no presente estudo.

Tendo em conta o objetivo do presente estudo, verificar se as variáveis sociodemográficas (idade, sexo, estado civil e habilitações literárias) e profissionais (tipo de gestão, localização geográfica, tempo profissional, vínculo, horário, regime de trabalho, horas semanais, serviço e título profissional) influenciam o nível de percepção do stress dos enfermeiros de urgência/emergência em contexto de COVID-19, constatou-se que os enfermeiros mais novos (≤35 anos), do género masculino, os divorciados e os enfermeiros com mestrado estariam maioritariamente sujeitos a stress. Por sua vez, a localização geográfica onde estes exercem funções interferiu na percepção de stress, registando-se um maior nível de stress por parte dos enfermeiros que exercem funções em Lisboa e Vale do Tejo. Os enfermeiros que exercem funções nas Região Autónoma da Madeira manifestaram menor percepção de stress, com diferenças estatísticas bastante significativas (p=0,001). Não foram registadas diferenças estatisticamente significativas no que se refere ao tipo de gestão do local de serviço, tempo de exercício profissional e vínculo laboral. Todavia, os valores de ordenação média indicam um maior nível de stress por parte dos enfermeiros que exercem no setor privado, com mais tempo de exercício profissional, seguidos dos que possuem entre 21-30 anos e pelos que têm entre 11-20 anos de serviço e por parte dos enfermeiros com um CIT; seguidos pelos que possuem CTFP-TRC e um CCT. Nos estudos encontrados, foram os enfermeiros com menos tempo de exercício profissional aqueles que manifestaram um nível mais elevado de percepção de stress (Jijun et al., 2020; Fernandez et al., 2020), o que não foi corroborado na amostra do presente estudo. Os referidos estudos referem que são os enfermeiros mais jovens os mais predispostos ao stress, o que é justificado com o facto de

indivíduos com menos idade e menos experiência profissional não possuem ainda tempo suficiente para formular estratégias efetivas de *coping* para lidar com o *stress* ocupacional e, por conseguinte, estão mais vulneráveis.

De acordo com Urzal et al. (2021), a percentagem de enfermeiros portugueses durante a pandemia por COVID-19 (20,4%) com sintomas de ansiedade, *stress*, depressão e perturbação pós-*stress* traumático aproxima-se de estudos realizados na China em fevereiro (27,39%) e junho (20,87%) de 2020 (Huang, et al., 2020; Zhang & Ma, Z.F., 2020). Todavia, o uso de diferentes instrumentos de avaliação nos vários estudos dificulta uma análise comparativa com a realidade portuguesa em termos de saúde mental dos enfermeiros durante a pandemia. Pandilha e Silva (2020) referem que a pandemia esteve na origem de transformações no exercício profissional e na vida pessoal dos enfermeiros, tendo mesmo alguns deles de mudar de residência durante a pandemia, afastando-os da sua vida familiar, o que é corroborado no presente estudo, onde foram os enfermeiros casados ou em união facto que apresentaram maior probabilidade de desenvolver níveis mais elevados de *stress*. As manifestações psicológicas mais evidenciadas na literatura em enfermeiros, durante a pandemia, foram os níveis mais elevados de *stress*, exaustão e humor depressivo, fortes efeitos psicológicos e dificuldade de enfrentamento da situação, níveis elevados de ansiedade, medo e sofrimento psicológico (Fernandez et al., 2020; Zerbini et al., 2020; Aksoy & Koçak, 2020).

A pandemia por COVID-19 chamou a atenção do mundo, especialmente em relação ao risco de *stress*. A maioria dos enfermeiros terá vivenciado níveis moderados a elevados de *stress*, porque estes profissionais estão particularmente em risco de serem infetados com COVID-19 e pela sobrecarga do sistema de saúde.

CONCLUSÃO

Os enfermeiros que exercem funções em contexto de urgência/emergência são os principais profissionais de saúde numa epidemia e têm o maior contacto com os doentes. Estes enfrentaram muitos desafios durante a epidemia por COVID-19, estando diretamente em risco, despoletando níveis mais elevados de *stress* laboral (Zakeri et al., 2021).

Foi neste contexto e tendo em conta a experiência pessoal que se desenvolveu o presente estudo, com uma amostra de 355 enfermeiros portugueses a exercerem funções em urgência/emergência, com uma idade média de 39,25±8,89 anos. As evidências encontradas permitiram dar resposta à questão de investigação, tendo-se concluído que a única variável profissional com interferência estatisticamente significativa no nível de percepção do *stress* dos enfermeiros de urgência/emergência em contexto de COVID foi a localização geográfica onde estes exercem funções, sendo maior o nível de *stress* por parte dos enfermeiros que exercem funções em Lisboa e Vale do Tejo. Concluiu-se também um maior nível de *stress* por parte dos enfermeiros que exercem no setor privado, com mais tempo de exercício profissional, seguidos dos que possuem entre 21-30 anos e pelos que têm entre 11-20 anos de serviço e por parte dos enfermeiros com um CIT; seguidos pelos que possuem CTFP-TRC e um CCT, ainda que sem relevância estatisticamente significativa. Apesar de as variáveis sociodemográficas não terem revelado diferenças estatisticamente significativas, verificou-se que os enfermeiros mais novos (≤35 anos), do género masculino, os divorciados e os enfermeiros com mestrado, foram os que apresentaram maior percepção de *stress* durante a pandemia por COVID-19. Uma revisão sistemática com meta-análise centrada na prevalência da depressão, ansiedade e *stress* durante o COVID-19 concluíram que quase um terço dos enfermeiros tinha depressão, ansiedade e *stress* durante a pandemia do COVID-19. A ansiedade e depressão foram mais relatadas entre os enfermeiros do género feminino, enquanto o *stress* foi mais prevalente nos enfermeiros do género masculino e nos mais novos (Nadeem et al., 2021).

Os efeitos psicológicos da situação pandémica nos enfermeiros devem ser urgentemente avaliados, compreendidos e controlados. A compreensão e avaliação dos seus efeitos são essenciais para a promoção e proteção do bem-estar e resiliência emocional dos enfermeiros, uma vez que podem afetar diretamente a qualidade dos cuidados de saúde prestados.

Apesar das evidências científicas crescentes acerca dos profissionais de saúde acometidos por níveis elevados de *stress* que foram aumentando significativamente durante a pandemia, observou-se uma escassez na literatura sobre a temática abordada em enfermeiros de urgência/emergência, o que resultou na principal limitação deste estudo. Portanto, sugere-se a replicação deste estudo para se perceber o modo como estes profissionais se adaptaram ao *stress* laboral durante uma pandemia, sendo também interessante investigar sua resposta cognitiva após crise pandémica, para elaboração de medidas de prevenção, para mitigar de níveis mais elevados de *stress* e ajudar no seu enfrentamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aksoy, Y. E., & Koçak, V. (2020). Psychological effects of nurses and midwives due to COVID-19 outbreak: The case of Turkey. *Archives of Psychiatric Nursing*, 34(5), 427–433. <https://doi.org/10.1016/j.apnu.2020.07.011>
- Albott, C. S., Wozniak, J. R., McGlinch, B. P., Wall, M. H., Gold, B. S., & Vinogradov, S. (2020). Battle Buddies: Rapid Deployment of a Psychological Resilience Intervention for Health Care Workers During the Coronavirus Disease 2019 Pandemic. *Anesthesia and Analgesia*, 10.1213/ANE.0000000000004912. <https://doi.org/10.1213/ANE.0000000000004912>

- Almeida, T. C. de, Heitor, M. J., Santos, O., Costa, A., Virgolino, A., Rasga, C., Martiniano, H., & Vicente, A. (2020). *Saúde mental em tempos de pandemia - SM-COVID-19: Relatório final* (pp. 1–222) [Report]. Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge, IP. <https://repositorio.insa.pt/handle/10400.18/7245>
- Arnetz, J. E., Goetz, C. M., Arnetz, B. B., & Arble, E. (2020). Nurse Reports of Stressful Situations during the COVID-19 Pandemic: Qualitative Analysis of Survey Responses. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(21), 8126. <https://doi.org/10.3390/ijerph17218126>
- Duarte, I., Teixeira, A., Castro, L., Marina, S., Ribeiro, C., Jácome, C., Martins, V., Ribeiro-Vaz, I., Pinheiro, H. C., Silva, A. R., Ricou, M., Sousa, B., Alves, C., Oliveira, A., Silva, P., Nunes, R., & Serrão, C. (2020). Burnout among Portuguese healthcare workers during the COVID-19 pandemic. *BMC Public Health*, 20(1), 1885. <https://doi.org/10.1186/s12889-020-09980-z>
- Fernandez, R., Lord, H., Halcomb, E., Moxham, L., Middleton, R., Alananzeh, I., & Ellwood, L. (2020). Implications for COVID-19: A systematic review of nurses' experiences of working in acute care hospital settings during a respiratory pandemic. *International Journal of Nursing Studies*, 111, 103637. <https://doi.org/10.1016/j.ijnurstu.2020.103637>
- Harapan, H., Itoh, N., Yufika, A., Winardi, W., Keam, S., Te, H., Megawati, D., Hayati, Z., Wagner, A. L., & Mudatsir, M. (2020). Coronavirus disease 2019 (COVID-19): A literature review. *Journal of Infection and Public Health*, 13(5), 667–673. <https://doi.org/10.1016/j.jiph.2020.03.019>
- He, F., Deng, Y., & Li, W. (2020). Coronavirus disease 2019: What we know? *Journal of Medical Virology*, 92(7), 719–725. <https://doi.org/10.1002/jmv.25766>
- Hu, D., Kong, Y., Li, W., Han, Q., Zhang, X., Zhu, L. X., Wan, S. W., Liu, Z., Shen, Q., Yang, J., He, H.-G., & Zhu, J. (2020). Frontline nurses' burnout, anxiety, depression, and fear statuses and their associated factors during the COVID-19 outbreak in Wuhan, China: A large-scale cross-sectional study. *EClinicalMedicine*, 24, 100424. <https://doi.org/10.1016/j.eclinm.2020.100424>
- Huang, C., Wang, Y., Li, X., Ren, L., Zhao, J., Hu, Y., Zhang, L., Fan, G., Xu, J., Gu, X., Cheng, Z., Yu, T., Xia, J., Wei, Y., Wu, W., Xie, X., Yin, W., Li, H., Liu, M., ... Cao, B. (2020). Clinical features of patients infected with 2019 novel coronavirus in Wuhan, China. *The Lancet*, 395(10223), 497–506. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30183-5](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30183-5)
- Jijun, W.; Xian, S.; Fei, C.; Yuanjie, D.; Dechun, C.; Xingcao, J., & Xiaoling, G. (2020). Survey of sleep quality and its influencing factors in clinical front-line nurses to combat the new coronavirus pneumonia epidemic. *Nursing Res.* 1–5. <http://kns.cnki.net/kcms/detail/14.1272.r.20200214.1136.004.html>.
- Lai, J., Ma, S., Wang, Y., Cai, Z., Hu, J., Wei, N., Wu, J., Du, H., Chen, T., Li, R., Tan, H., Kang, L., Yao, L., Huang, M., Wang, H., Wang, G., Liu, Z., & Hu, S. (2020). Factors Associated With Mental Health Outcomes Among Health Care Workers Exposed to Coronavirus Disease 2019. *JAMA Network Open*, 3(3), e203976. <https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2020.3976>
- Nadeem, F., Sadiq, A., Raziq, A., Iqbal, Q., Haider, S., Saleem, F., & Bashaar, M. (2021). Depression, Anxiety, and Stress Among Nurses During the COVID-19 Wave III: Results of a Cross-Sectional Assessment. *Journal of Multidisciplinary Healthcare*, 14, 3093–3101. <https://doi.org/10.2147/JMDH.S338104>
- Nunes, T. M. M. (2019). *Determinantes de burnout em enfermeiros do pré-hospitalar* [MasterThesis, Instituto Politécnico de Viseu. Escola Superior de Saúde de Viseu]. <https://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/5547>
- Oktovin, Basit, M., & Peni, M. R. (2021). Psychological Stress of Nurses During the Covid-19 Pandemic. *KnE Life Sciences*, 6(1), 256–267. <https://doi.org/10.18502/cls.v6i1.8613>
- Padilha, J. M. D. S. C., & Silva, R. P. (2020). Impacte da pandemia por covid-19 nos enfermeiros de reabilitação portugueses. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Reabilitação*, 3(2), Art. 2. <https://doi.org/10.33194/rper.2020.v3.s2.15.5842>
- Pérez-Fuentes, M. del C., Molero-Jurado, M. del M., Gázquez-Linares, J. J., & Simón-Márquez, M. del M. (2018). Analysis of Burnout Predictors in Nursing: Risk and Protective Psychological Factors. *European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 11(1), 33–40. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2018a13>
- Ribeiro, J. L. P., & Marques, T. M. P. F. dos S. (2009). A avaliação do stresse: A propósito de um estudo de adaptação da escala de percepção de stresse. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 10(2), 237–248.
- Teixeira, A. L., Krause, T. M., Ghosh, L., Shahani, L., Machado-Vieira, R., Lane, S. D., Boerwinkle, E., & Soares, J. C. (2021). Analysis of COVID-19 Infection and Mortality Among Patients With Psychiatric Disorders, 2020. *JAMA Network Open*, 4(11), e2134969. <https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2021.34969>
- Temsah, M.-H., Al-Sohime, F., Alamro, N., Al-Eyadhy, A., Al-Hasan, K., Jamal, A., Al-Maglouth, I., Aljamaan, F., Al Amri, M., Barry, M., Al-Subaie, S., & Somily, A. M. (2020). The psychological impact of COVID-19 pandemic on health care workers in a MERS-CoV endemic country. *Journal of Infection and Public Health*, 13(6), 877–882. <https://doi.org/10.1016/j.jiph.2020.05.021>

- Urzal, M.; Donas- Boto, I.; Moreira, M.; Nogueira, P. & Vian, J. (2021). Prevalência e Fatores associados a sintomas de Ansiedade, Depressão e Perturbação Pós- stress Traumático em Profissionais de Saúde durante a Pandemia por COVID-19. (2021). *RPSO - Revista Portuguesa de Saúde Ocupacional*, 11, 1.23. <https://doi.org/10.31252/RPSO.26.06.2021>
- Walton, M., Murray, E., & Christian, M. D. (2020). Mental health care for medical staff and affiliated healthcare workers during the COVID-19 pandemic. *European Heart Journal. Acute Cardiovascular Care*, 9(3), 241–247. <https://doi.org/10.1177/2048872620922795>
- Zakeri, M. A., Hossini Rafsanjanipoor, S. M., Zakeri, M., & Dehghan, M. (2021). The relationship between frontline nurses' psychosocial status, satisfaction with life and resilience during the prevalence of COVID-19 disease. *Nursing Open*, 8(4), 1829–1839. <https://doi.org/10.1002/nop2.832>
- Zerbini, G., Ebigbo, A., Reicherts, P., Kunz, M., & Messman, H. (2020). Psychosocial burden of healthcare professionals in times of COVID-19 – a survey conducted at the University Hospital Augsburg. *GMS German Medical Science*, 18, Doc05. <https://doi.org/10.3205/000281>
- Zhang, Y., & Ma, Z. F. (2020). Impact of the COVID-19 Pandemic on Mental Health and Quality of Life among Local Residents in Liaoning Province, China: A Cross-Sectional Study. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(7), 2381. <https://doi.org/10.3390/ijerph17072381>